

# AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM DA LEITURA E ESCRITA NO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL\*

## THE DIFFICULTIES OF LEARNING TO READ AND WRITE IN THE 1ST YEAR OF ELEMENTARY SCHOOL

Pâmela Cristina Santos\*\*  
Jocelina Correia Monteiro\*\*\*

### INSTITUTO DE ENSINO SUPERIOR FRANCISCANO

---

#### RESUMO

Este trabalho apresenta como tema, as dificuldades de aprendizagem da leitura e escrita no 1º ano do ensino fundamental. A aquisição da leitura e da escrita é um fator importante para o desenvolvimento do ser humano. Durante o processo de aprendizagem das crianças, principalmente nos anos iniciais do ensino fundamental, percebe-se que muitas delas apresentam dificuldades que está relacionada a vários fatores externos e internos. Sendo assim, objetivou-se compreender os fatores que interferem no processo de aquisição da leitura e escrita nessa etapa de aprendizagem escolar e de que forma o professor pode intervir para facilitar o aprendizado da leitura e escrita dos alunos do 1º do ensino fundamental. A metodologia adotada baseia-se em pesquisas bibliográficas utilizando artigos, revistas e trabalhos acadêmicos que abordam o assunto estudado. A pesquisa que tem por objetivo aprofundar o conhecimento de um determinado tema, investigando um assunto já existente, aprofundando algum ponto específico sobre o tema.

**Palavras-chave:** Dificuldade de aprendizagem. Leitura. Escrita. Aluno.

#### ABSTRACT

This work presents as its theme, the difficulties of learning to read and write in the 1st year of elementary school. The acquisition of reading and writing is an important factor for the development of the human being. During the children's learning process, especially in the early years of elementary school, it is noticed that many of them have difficulties that are related to various external and internal factors. Therefore, the objective was to understand the factors that interfere in the process of reading and writing acquisition in this stage of school learning and how the teacher can intervene to facilitate the learning of reading and writing of students in the 1st of elementary school. The methodology adopted is based on bibliographic research using articles, journals and academic works that address the subject studied. Research that aims to deepen the knowledge of a particular topic, investigating an existing subject, deepening some specific point on the topic.

**Keywords:** Learning Difficulty. Reading. writing. Student.

## 1 INTRODUÇÃO

Um dos processos de integração da criança na escola se dá através da aquisição da leitura e da escrita, um instrumento necessário para a construção do

---

\* Artigo Científico apresentado ao Curso de Pedagogia do Instituto de Ensino Superior Franciscano, para obtenção do grau de Licenciatura.

\*\* Graduanda do 8º período do Curso de Pedagogia do Instituto de Ensino Superior Franciscano.

\*\*\* Orientadora: Especialista em Docência do Ensino Superior, Métodos e Técnicas de Pesquisa em História, Licenciada em História pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), Geografia e Pedagogia, pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

conhecimento e é por meio dela que os aprendizes são inseridos na cultura escrita que os rodeia. Entender o processo de alfabetização das crianças através da leitura e escrita, condição esta fundamental a integração na vida social, oferece oportunidades de compreensão e respeito do universo da relação que influencia na construção da existência da criança e é nesse momento que o desenvolvimento humano ocorre a partir do entendimento do significado do mundo.

A alfabetização é um processo complexo que começa antes que a criança esteja pronta para ler, ou até mesmo para falar suas primeiras palavras. As mães estimulam a alfabetização desde a gestação, lendo em voz alta, falando ou cantando para seus bebês na gravidez. Mas segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o processo de alfabetização deve se iniciar no 1º ano do Fundamental, por volta dos 6 anos de idade, etapa que qualifica o ensino e a aprendizagem dos conteúdos da alfabetização e do letramento (BRASIL, 2018). Soares (2017, p. 16) o define como “[...] processo de aquisição do código escrito, das habilidades de leitura e escrita”. De um modo mais abrangente, a alfabetização é definida como um processo no qual o indivíduo constrói a gramática e em suas variações, sendo chamada de alfabetismo a capacidade de ler, compreender, e escrever textos, e operar números.

Porém, esse processo não se resume apenas na aquisição dessas habilidades (codificação e decodificação) do ato de ler, mas na capacidade de interpretar, compreender, criticar, ressignificar e produzir conhecimento. Nesse processo é preciso propiciar condições para que o indivíduo tenha acesso ao mundo da escrita, tornando-se capaz não só de ler e escrever, mas, sobretudo fazer uso real e adequado da escrita com todas as funções que ela tem em nossa sociedade. As dificuldades de aprendizagem é um problema que está relacionado a uma série de fatores, tanto externo, quanto interno, incluindo: transtornos, como a dislexia, que pode acarretar lentidão na aprendizagem, falta de atenção e concentração, dificuldade em decodificar e soletra, no reconhecimento da palavra, e para aprender rimas e canções.

Assim como também, falhas no processo de aprendizagem, problema escolar, familiar, social, e a transição da educação infantil para 1º ano do ensino fundamental, que é onde se inicia o processo de alfabetização, uma passagem que gera insegurança e medo na criança devido as muitas mudanças desafiadoras que ali ocorrem, como: a introdução a alfabetização, distinguir desenho de escrita, elaborar possibilidades sobre quantidade e distribuição das letras, atividades mais estruturadas e desafiadoras, visto que o conteúdo será dividido em disciplinas. Uma etapa difícil não só para o aluno, mas também para o professor que deve ter uma sensibilidade ao lidar com as dificuldades e medos dos alunos, preparando um ambiente acolhedor e que permita a continuidade do aprendizado, seguindo orientações da BNCC que aconselha que o professor leve em consideração toda a jornada da criança até então, fazendo uma ponte entre uma fase e outra, sem assustar o aluno, não abandonar o lúdico e nem fragmentar seu aprendizado (BRASIL, 2018).

As dificuldades na leitura e escrita apresentam problemas para decodificar e codificar, compreender e interpretar um texto, dificultando conseqüentemente a caligrafia, já que a leitura é uma habilidade que antecede a escrita. Muitos alunos que frequentam as escolas públicas e privadas no Brasil, enfrentam tais dificuldades que comprometem a sua trajetória estudantil. O aluno deve sair da escola tendo conhecimento do mundo externo, e para isso, a leitura e a escrita são de grande importância, visto que, o exercício da leitura facilita a escrita, enriquece o vocabulário,

amplia as capacidades cognitivas, melhora a comunicação, liga o senso crítico, permite a compreensão de ideias e possibilita organizar as linhas de pensamento. Portanto, a pesquisa sobre este tema tem sua relevância, pois pretende mostrar e entender os problemas que interferem no processo de aprendizagem da leitura e escrita. É importante que os professores tenham este conhecimento, para que assim possam contribuir de forma significativa facilitando o aprendizado. Os professores encontrariam uma maior facilidade no ensino da leitura e da escrita, se desde cedo for desenvolvido o hábito da leitura, fundamental para o desenvolvimento cognitivo da criança. A experiência leitora pode e deve ser proporcionada à criança mesmo antes de sua competência leitora ser iniciada. Quando ainda não se sabe ler, se aprende a ouvir narrativas.

Conforme explica Medel (2013, p. 16):

No século XXI, aprender a ler e a escrever é entrar na cultura escrita, na atividade literária. Portanto, ensinar a ler e a escrever é realizar uma mediação cultural que implica aproximar as crianças desde os primeiros meses de vida, à mais ampla diversidade de textos de modelar seus usos, a revelar suas características, seus propósitos, os lugares onde eles se encontram.

Por isso, proporcionar a contação de histórias, o contato com os livros na educação infantil, na fase da alfabetização, planta uma semente fértil para o despertar de um grande futuro leitor. Sendo assim, nessa missão, a escola e família caminham juntos. Um leitor se faz através do exemplo e o incentivo dentro de casa é decisivo para tanto. Identificar sobre as dificuldades e transtornos de aprendizagem no desenvolvimento da leitura e escrita dos alunos do 1º ano.

O presente trabalho tem objetivo compreender de que forma o professor pode intervir para facilitar o aprendizado da leitura e escrita, identificar as dificuldades e transtornos de aprendizagem no desenvolvimento da leitura e escrita, reconhecer como o professor pode contribuir efetivamente no processo de ensino da leitura e escrita e buscar quais estratégias que podem ser utilizadas pelos professores para superarem as dificuldades enfrentadas por seus alunos no que diz respeito à leitura e à escrita.

## **2 AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM DA LEITURA E ESCRITA**

É importante destacar a diferença entre dificuldade de aprendizagem e transtorno de aprendizagem. O transtorno é oriundo de causas orgânicas, ou seja, podem ser causados por fatores genéticos e/ou neurobiológicos e, portanto, ensinam-se estratégias para o indivíduo lidar com os sintomas durante toda a sua vida, e que deve ser tratada ainda, por profissionais especializados de fonoaudiólogos, psicólogos, psicopedagogos. Já a dificuldade não precisa durar por toda a vida. Ela pode ser solucionada, já que pode partir de diversas causas externas e internas e para favorecer a aprendizagem de alunos com dificuldade, é importante avaliar, contextualizar, diversificar.

As dificuldades de aprendizagem da leitura e escrita possui múltiplas causas incluindo fatores ligados ao aluno e ao contexto escolar e familiar, podem influenciar, como: faltas constantes, comprometimento sensorial, aquisição atrasada de linguagem, dificuldades sócio-emocionais, exposição precoce à alfabetização, fatores socioeconômicos, histórico familiar de dificuldades de aprendizagem, lacunas

nas instruções de leitura, etc.

A metodologia de ensino inadequado as necessidades da criança, se o método de ensino utilizado não fizer sentido para os alunos, é necessário educadores conscientes de sua prática educativa e preparados para os desafios constantes da atualidade, pois os professores/educadores têm que ser capazes de desenvolver uma mediação qualitativa no ensino-aprendizagem, com base em estímulos nos mais diversos contextos sociais, tanto no contexto formal, quanto no contexto não formal. A família é fundamental em todas as etapas da vida da criança, desde então, no processo de alfabetização/letramento ela é muito mais importante e significativa, por se tratar de uma etapa extraordinária na vida da mesma.

Se em um primeiro momento de sua existência a criança aprende e se situa no mundo através da atribuição de significados a pessoas, objetos e situações presentes no seu ambiente familiar, então podem inferir que esse mesmo ambiente deve ser potencialmente significativo em termos de livros, leitores e leitura (SILVA, 1988). Deve-se considerar também as mudanças e dificuldades que o aluno enfrenta ao ingressar no 1º ano, momento onde ocorre o processo de alfabetização que é um desafio para os professores e alunos que necessitam de estímulo para desenvolver as habilidades de leitura e escrita. É preciso ter clareza que o primeiro ano no ensino fundamental é um marco para a nova etapa escolar que está sendo iniciada na vida da criança.

Segundo Rapoport *et al* (2009), “[...] o ingresso no ensino fundamental é mais um momento de transição na vida da criança, trazendo-lhe muitas novidades e desafios, às vezes, vividos com plena alegria e tranquilidade, outras com insegurança, ansiedade ou medo”.

Na educação infantil as práticas pedagógicas são muito voltadas pro brincar, uma metodologia diferente que utiliza o brincar como uma estratégia de aprendizagem. Sabemos que o brincar é uma das linguagens preferidas da criança, que aprende através da arte, do canto, das brincadeiras lúdicas, da brincadeira livre. O currículo na Educação Infantil é para desenvolver o criar, imaginar e expressar e introduzir os primeiros passos dos conteúdos do Ensino Fundamental.

A Educação Infantil favorece interações mais plurais, com maior espaço tanto para a questão lúdica quanto para o diálogo. A criança que sai da educação infantil e entra no ensino fundamental enfrenta diversos desafios: a mudança no espaço, as propostas pedagógicas são diferentes, a brincadeira dá lugar a atividades mais estruturadas e desafiadoras, o aumento gradual do comprometimento com os estudos, o acréscimo de mais conteúdos. Para que as crianças se adaptem a tantas transformações, os professores devem preparar um ambiente acolhedor e que permita a continuidade do aprendizado.

Alfabetizar não é uma tarefa fácil, um dos motivos pelo qual a criança pode apresentar dificuldades na aprendizagem da leitura e escrita é o fato que algumas letras e o som que as letras produzem, são bastante semelhantes, o aluno em sua dedução supõe que a letra sempre terá o mesmo som, mas sabe-se que o som da letra vai variar conforme a posição que ocupa. A descoberta do princípio alfabético é dificultada pelo fato da fala ser caracterizada por um fluxo contínuo. Dessa forma, um dos maiores desafios encontrados por uma criança ao começar a aprender um sistema de escrita alfabético, é entender que o fluxo contínuo da fala pode ser segmentado em unidades menores de som e que essas pequenas unidades são manipuláveis. Enfim, se ao passar do tempo o educando não conseguir desenvolver a leitura e a escrita, é sinal que possa ter um transtorno de aprendizagem, como a dislexia ou disortografia.

## 2.1 Disortografia

A disortografia é uma dificuldade de aprendizagem que interfere na capacidade do indivíduo de soletrar ou escrever corretamente. Alguns sinais da disortografia são: Caligrafia ilegível, escrita lenta e trabalhosa, mistura de letras de forma e cursivas, espaçar letras e palavras de maneira estranha, grandes dificuldades ortográficas e gramaticais, uso de pontuações incorreta, frases contínuas e falta de quebras de parágrafo, problemas para organizar as informações ao escrever.

A disortografia poderá desencadear-se devido a problemas ou distúrbio nas capacidades perceptivas específicas – percepção auditiva, visual e espaço-temporal. No que se refere às causas de tipo perceptivo, que se caracteriza por deficiência na percepção, na memória visual e auditiva e a nível da orientação espaço-temporal, estas poderão ser apontadas como responsáveis pela ocorrência de dificuldades na orientação das letras, discriminação de grafemas, sequenciação, ritmo, discriminação e memória auditiva. Cervera-Merida e Ygual-Fernandes (2007, *apud* CASAL, 2013) descrevem a disortografia como um transtorno referente a uma escrita incorreta predominantemente atribuída a dificuldades no raciocínio visuo-espacial e nas habilidades linguístico-perceptivas.

A intervenção na disortografia não se deve basear num só modelo de ensino, mas sim em vários para que haja um complemento que englobem a percepção auditiva, visual e espaço-temporal, a memória visual e auditiva. Pais e professores podem realizar com as crianças exercícios de reconhecimento de formas gráficas, identificação de erros, distinção de direita/esquerda, cima/baixo, frente/trás; consciencialização do fonema isolado, em sílaba e soletração, análise de frases, substituição de um fonema por outro na sílaba e palavra. Por meio das atividades com jogos de palavras, rimas, aliterações, produção de frases será possível melhorar a linguagem oral e escrita dos alunos de uma forma lúdica e capaz de ampliar seus conhecimentos em relação á disortografia.

## 2.2 Dislexia

A dislexia é um transtorno na linguagem, tanto na linguagem falada como na linguagem escrita. Normalmente é aquela criança que demora para falar, que troca os fonemas, e que quando chega na idade escolar, essa dificuldade inicial de sons esbarra na dificuldade depois de transformar esses sons nas letras e na decodificação. Então, o indivíduo comete omissões, inversões de letras, uma incapacidade de atribuir um determinado som a uma determinada letra, dificultando a processo de aprendizagem da leitura e escrita. Pode-se dizer, conforme Medeiros (2012) a dislexia é um distúrbio na leitura que interfere na escrita, normalmente identificada no início da alfabetização, período em que o aluno inicia o processo de leitura formal.

A dificuldade consiste em não conseguir identificar símbolos gráficos (letras e/ou números). A dislexia é um transtorno de aprendizagem que dificulta o aprendizado e a realização da leitura e da escrita. O cérebro, por razões ainda não muito bem esclarecidas, tem dificuldade para encadear as letras e formar as palavras, e não relaciona direito os sons às sílabas formadas. Como sintoma, a pessoa começa

a trocar a ordem de certas letras ao ler e escrever.

Segundo Lopes (2022) essa dificuldade geralmente é mais perceptível no início da alfabetização e facilmente é confundida com inteligência baixa ou desmotivação, tal dificuldade é caracterizada pela dificuldade em ler, soletrar, compreender um texto, reconhecer fonemas, exercer tarefas relacionadas a coordenação motora. A dispersão é a primeira característica a ser percebida entre a criança disléxica. Os sintomas podem ser percebidos desde cedo, porém só se pode formar o diagnóstico quando a criança chega à alfabetização, dentre os sintomas lanhez e Nico (2002), destacam os mais comuns:

[...] desempenho inconstante; demora na aquisição da leitura e da escrita; lentidão nas tarefas de leitura e escrita, mas não nas orais; dificuldade com os sons das palavras e, conseqüentemente, com a soletração; escrita incorreta, com trocas, omissões, junções e aglutinações de fonemas; dificuldade em associar o som ao símbolo; dificuldade com a rima (sons iguais no final das palavras) e aliteração (sons iguais no início das palavras); discrepância entre as realizações acadêmicas, as habilidades linguísticas e o potencial cognitivo; dificuldade em associações, como, por exemplo, associar rótulos aos seus produtos; dificuldade para organização sequencial, por exemplo, as letras do alfabeto, os meses do ano, tabuada etc.; dificuldade em nomear objetos, tarefas etc.; dificuldade em organizar-se no tempo (hora), no espaço (antes e depois), de direção (direita e esquerda); dificuldade em memorizar números de telefone, mensagens, fazer anotações ou efetuar alguma tarefa que sobrecarregue a memória imediata; dificuldade em organizar suas tarefas; dificuldades com cálculos mentais; desconforto ao tomar notas e/ou relutância para escrever; persistência no erro, embora conte com ajuda profissional (IANHEZ; NICO, 2002, p. 26-27).

Com o aparecimento dos sintomas, a criança não entende por que não aprende como seus colegas, e isso afeta significativamente sua autoestima. A dislexia é um transtorno do neurodesenvolvimento, resultado de disfunções em áreas cerebrais responsáveis pelos processos de escrita e leitura. Isso faz com que as crianças disléxicas aprendam de forma diferente, pois têm um processamento mais lento, além de uma capacidade de fluência e memorização reduzida.

As dificuldades dos alunos com dislexia devem ser consideradas no planejamento das atividades pedagógicas, é importante conhecer as estratégias e metodologias mais adequadas para ensinar as crianças disléxicas. Não há nenhum método único para se trabalhar com os alunos disléxicos, assim é necessária depois de diagnosticada a dislexia, que o educador pesquise e estude diversos métodos, que será eficaz à criança. Segundo Prado e Aliotto (2011) para compensar a dificuldade, as crianças se utilizam da linguagem oral e visual. Dessa forma, os métodos multissensoriais, indicados para crianças mais velhas que apresentam fracasso escolar e métodos fônicos e para crianças no início da alfabetização, privilegiam o uso de visão, audição e tato.

Ensinar as crianças a lerem por meio de atividades multissensoriais, é baseado na ideia de que alguns alunos aprendem melhor quando o material que recebem é apresentado em uma variedade de modalidades. As metodologias multissensoriais podem ser utilizadas com todos os alunos, tendo dificuldades ou não, pois permitem atender à diversidade de formas de aprendizagem das crianças. Este método usa o movimento e toque, juntamente com o que vemos e que ouvimos para ajudar um estudante a aprender a ler, escrever e soletrar.

As técnicas de ensino multissensorial estimulam o cérebro de várias maneiras, para que cada sistema sensorial se torne mais desenvolvido e funcione

melhor. Isso melhora as funções essenciais do cérebro, como habilidades de escuta, movimento, visão, reconhecimento tátil e conceituação. Para ensinar leitura a crianças com dificuldades, a partir do ensino explícito das conexões entre letras e sons (consciência fonológica) com uma abordagem multissensorial, usando visão, audição, toque e movimento para ajudar as crianças a conectar sons com letras e palavras. Seu objetivo é ensinar a ler, decodificar palavras. A criança aprende as letras olhando para elas, dizendo seu som, tocando-as e usando vários materiais manipulativos, como exemplo a reconhecimento de letra na caixa sensorial, com areia, sal, etc. Para o 1º ano do fundamental, é interessante trabalhar o jogo do relógio, onde a criança aponta o ponteiro para as imagens que começam com a mesma sílaba ou fonema, ou para identificar as palavras com o som semelhante, no início, meio e fim das palavras.

Primeiro a criança aprende os sons das letras para depois aprender a juntá-los, fazendo combinações para formar as palavras. No método fônico se trabalha uma junção do que se ouve, vê e articula. Sabe-se que as crianças disléxicas há uma deficiência fonológica que interfere no reconhecimento das palavras. Em consequência disso o leitor disléxico não consegue aplicar suas habilidades cognitivas na compreensão do significado de uma palavra, pois ele se detém (ou demora muito tempo na identificação da palavra). O Método Fônico auxilia diretamente para suprir essa dificuldade, pois propicia um ensino sistemático e explícito sobre como as letras se relacionam com os sons, a segmentação das palavras, identificação de sílabas, as pistas estão na própria palavra e não no contexto.

A dislexia é um transtorno de aprendizagem, que afeta os processos cognitivos, tanto auditivo, quanto visuais. Então é importante desenvolver atividades que trabalhem discriminação auditiva, percepção auditiva, ritmo, como exemplo: atividades com música, canções, parlendas e cantigas, que estimulam o ritmo, concentração e atenção. Atividades com rimas, que é uma habilidade que trabalha muito o som, a forma como esse som é produzido é processado.

Na falta de vocabulário da criança, é interessante fazer o uso de jogo de memória de rima, usando o pareamento de palavras que rimam, além de fazer várias categorias e juntá-las. Em adolescentes e adultos alfabetizados, as rimas ajudam a melhorar a fluidez da leitura e a percepção do som. Dentro dessa habilidade, é interessante fazer o uso da música, poesias, jogos. Uma outra atividade bem importante e bem significativa, trabalhar com ritmo, batendo palma para a criança imitar, no ritmo mais leve, no ritmo mais forte, alternando entre o leve e forte, e o aluno copia esse ritmo de costas para o professor, afinal de conta está atividade trabalha a percepção e sequência auditiva, além de todas as habilidades que desenvolva a consciência fonológica, conforme cita os autores: A capacidade de ir além da percepção auditiva e alcançar uma habilidade metafonológica, são o que se denomina uma atividade de reflexão sobre os aspectos fonológicos da língua, e faz parte de uma capacidade prévia importante no desenvolvimento da linguagem escrita. O treinamento da consciência fonológica, em especial da consciência fonêmica, pode gerar melhora na representação fonológica das palavras, tanto para disléxicos, quanto para crianças sem dificuldades de aprendizagem (ALMEIDA; DUARTE, 2003). Realizar atividades de treinamento da consciência fonológica no ambiente escolar é possível e enriquecedor, algumas atividades são apontadas na literatura, dentre elas destacam-se: cantar uma sucessão de rimas infantis, fazer julgamentos sobre a estrutura sonora das palavras e produção de rimas (ELBRO; JENSEN, 2005).

### 2.3 O ensino fundamental e a adaptação da criança

Em 2004, o Ministério da Educação (MEC) definiu como uma de suas prioridades a ampliação do ensino fundamental obrigatório com início aos seis anos e orientou:

Não se trata de transferir para as crianças de seis anos os conteúdos e atividades da tradicional primeira série, mas de conceber uma nova estrutura de organização dos conteúdos em um Ensino Fundamental de nove anos, considerando o perfil de seus alunos (BRASIL, 2004, p. 16).

Considerado um período de transição, ele deve garantir a integração e continuidade dos processos de aprendizado adquiridos durante a Educação Infantil. Ao longo da Educação Infantil, as crianças vivenciam um aprendizado menos “rígido”, pautado na naturalidade e no brincar. Já no Ensino Fundamental, o ensino torna-se mais estruturado, com adaptação a um novo espaço e novas interações, passando pelo ensino fundamental, com o aumento gradual do comprometimento com os estudos, com a inclusão de novas matérias e avaliações.

Assim, a entrada da criança no Ensino Fundamental deve ocorrer de maneira acolhedora, com apoio da família e equipe pedagógica, e com o professor que deve estar preparado para ajudar o aluno em suas ansiedades e dificuldades, respeitando o histórico e o conhecimento que ele traz consigo. Por isso, as escolas precisam se preocupar em construir um ambiente acolhedor, permitindo que os alunos vivenciem essa passagem com tranquilidade, onde o objetivo que ditado pela própria Base Nacional Curricular comum é estabelecer uma ponte de aprendizagem, introduzindo uma nova realidade à rotina escolar.

É importante enfatizar também que a ludicidade, as brincadeiras, ainda são partes importantes do seu processo de desenvolvimento, a rodinha que antes feita no infantil, deve permanecer, onde se tem um espaço no qual se pode desencadear a exploração de temas e o amadurecimento das ideias. Mas, para isso é de grande importância a participação dos alunos por meio de comentários e discussões, como ler e contar histórias, cantar, declamar poesias, dizer parlendas etc.

Assim, Medel (2013, p. 14) ressalta que “o professor do primeiro ano deve promover brincadeiras, jogos dramatizações, brinquedos cantados etc. No pátio, para trabalhar o aspecto psicomotor e desenvolver as linguagens corporal e oral, o vocabulário, socialização e a interação entre os alunos”.

### 2.4 O aluno, a leitura e a escrita

Em meados da década de 1980 surge no Brasil o conceito de letramento, sendo definido por Kleiman (2003, p. 19) como “[...] um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnológico, em contextos específicos, para objetivos específicos”. A alfabetização deve ocorrer na perspectiva do letramento, que surgiu como objetivo de completar a alfabetização no contexto social, desenvolvendo habilidades nos alunos de forma que eles consigam interagir com segurança no seu meio social, trazendo para os alunos os usos sociais da leitura e escrita. Como aponta a BNCC (2018):

Nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental, a ação pedagógica deve

ter como foco a alfabetização, a fim de garantir amplas oportunidades para que os alunos se apropriem do sistema de escrita alfabética de modo articulado ao desenvolvimento de outras habilidades de leitura e de escrita e ao seu envolvimento em práticas diversificadas de letramento.

Um indivíduo é realmente alfabetizado não apenas quando decodifica sons e letras, ou seja, quando puder transpor os sons para as letras (ao escrever) e das letras para os sons (ao ler), mas de forma efetiva, ou seja, quando estiver automatizado o processo, sem precisar recorrer a todo instante aos passos necessários a esta atividade. E, sobretudo quando puder utilizar-se desta habilidade para obter outros conhecimentos.

É durante o ciclo de alfabetização que a criança é estimulada a identificar letras e símbolos, sendo nesse processo de identificação que as dificuldades ficam mais perceptíveis. As dificuldades de leitura e escrita estão presentes no cotidiano das escolas, sendo que estas afetam todos os tipos de educandos, podendo eles serem crianças, adolescentes ou adultos, tornando-se um problema a ser enfrentado pelos educadores, responsáveis e outros que mantêm contato com os portadores dessas dificuldades. Nem sempre a dificuldade de aprendizagem estará relacionada a algum distúrbio neurobiológico.

Geralmente, os problemas apresentados na escola são transitórios e estão relacionados a fatores sociais, pedagógicos e afetivos. A consciência fonológica é a base para a alfabetização, a aprendizagem da leitura e da escrita, passa pela consciência fonológica, por isso é tão importante a sua estimulação. Toda criança, tenha ela algum transtorno do desenvolvimento ou não, precisa desenvolver essa habilidade para estar pronta para se alfabetizar. Por meio da consciência fonológica, as crianças aprendem a associar sons a símbolos. Isso permite que elas reconheçam e decodifiquem as palavras e habilidades necessárias para a leitura.

A consciência fonológica não se refere a um processo automático de percepção da fala, mas exige a tomada da linguagem enquanto objeto do pensamento, afinal ela se refere à habilidade de refletir sobre e manipular os sons que compõem a fala. A criança que não possui consciência fonológica amadurecida pode apresentar distúrbios dos sons na fala, pois se o indivíduo é incapaz de ouvir ou pensar sobre as diferenças entre as unidades sonoras não será capaz de produzi-las corretamente.

No caso dos alunos que estão no 1º ano do Ensino Fundamental, os indícios são: dificuldade em ligar a letra ao seu respectivo som, problemas de leitura, muitos erros ortográficos, problemas para dividir as palavras em sílabas, dificuldade de diferenciar os sons de palavras similares, como vaca e faca. a consciência fonológica não se refere a um processo automático de percepção da fala, mas exige a tomada da linguagem enquanto objeto do pensamento, afinal ela se refere à habilidade de refletir sobre e manipular os sons que compõem a fala. A consciência fonológica pode ser desenvolvida na criança através de várias atividades lúdicas, como o teatro, música e contação de histórias.

Em ambas as atividades, as crianças ora escutam ora treinam a fala, desenvolvendo a consciência dos sons emitidos e ouvidos. Música tem tudo a ver com consciência fonológica, por meio da música, as crianças podem segmentar sons e identificar os diferentes tipos sonoros que compõem uma música. Desta forma, se faz necessário desenvolver estratégias que favoreçam o seu processo de aprendizagem, modificar o material didático, com textos mais atraentes e fáceis de ler, além de ilustrações que reforcem o conteúdo escrito, usar materiais concretos como a caixa de areia, ou jogo do relógio.

Diversificar o conteúdo, apresentar o conteúdo trabalhado em sala de diversas formas, favorece a apreensão do mesmo pelos alunos, até dos que não apresentam dificuldades de aprendizagem. Utilizar jogos, como exemplo o jogo da memória(rima), utilizar de cartões com figuras de animais ou frutas, e os deixar virado para baixo, como um jogo da memória normal. Mas aqui, o par deverá ser formado por palavras que rimam não por serem iguais. Outra atividade que pode ser utilizada é a caixa mágica. Onde, o professor está trabalhando a letra A, por exemplo, então envia a caixa para aluno procurar um objeto que comece com esta letra, colocá-lo dentro da caixa e levá-la para a escola no dia seguinte. Quando o aluno levar a caixa, permitir que ele mostre o objeto para o colega e solicitar aos alunos que falem quais são os objetos da sala com esta letra.

Através do jogo e de atividades lúdicas é possível, ao mesmo tempo despertar o interesse do aluno e favorecer que construa conhecimentos. Por isso, Fonseca (1999 *apud* MARSILI, 2010) cita que as atividades lúdicas são benéficas, pois conseguem o envolvimento do aluno e garantem que os elementos fonológicos necessários sejam inseridos no trabalho que vai ser desenvolvido com cada criança, como: invenção de rimas e palavras, atividades de reconhecimento e utilização de palavras que rimam, mistura e segmentação de sílabas, identificação de fonemas iniciais e ligação de sílabas, jogos de discriminação de vogais, canções com rimas, entre outras atividades. Além disso, contribui com o desenvolvimento da criatividade e com a interação social.

Replanejar para lidar com dificuldades de aprendizagem identificadas nos alunos é fundamental para o trabalho. É essencial inovar e pesquisar novas estratégias para a aplicação dentro da sala de aula, buscando obter o interesse dos alunos na realização das atividades propostas, pois, com isso, o aprendizado se torna mais interessante e atrativo.

A comunicação oral é de importância fundamental para os alunos e para esse processo de aprendizagem da escrita e leitura, visto que a comunicação escrita necessita da linguagem oral para desenvolver-se, já que a aprendizagem da leitura e escrita apenas adquire significação na medida em que os alunos estabelecem relações entre a grafia e a linguagem oral. Durante o início da aprendizagem, na alfabetização, deve-se ampliar a comunicação oral dos alunos (escutar e falar), dando-lhes oportunidade para participar através das rodas de histórias, as rodas de conversas, rodas de exploração de músicas, poesias, parlendas e de outros textos. Práticas essas que favorecem, dentre outras coisas, a escuta atenta, a formulação de perguntas e respostas, o convívio com novas palavras.

No tocante ao desenvolvimento da linguagem oral, entendemos que é importante que a professora planeje trabalhar com conteúdos específicos da oralidade, por meio das interações, experiências e brincadeiras, espaços bem aconchegantes e instigantes para as rodas de conversa, as trocas em pequenos grupos, em duplas e aproveitando situações reais de comunicação que favoreçam o desenvolvimento da Linguagem oral. Nesse ambiente bem planejado e organizado com múltiplos recursos, as crianças serão provocadas a falar e as professoras fazem encaminhamentos e intervenções, para que as falas se tornem cada vez mais completas e bem estruturadas.

### 3 A FAMÍLIA E A PARCERIA COM A ESCOLA

Quando nós pensamos em educação de qualidade nós temos que ter em mente dois pontos, primeiro, a participação e a colaboração da família na vida escolar da criança, segundo, o compromisso da escola na formação curricular e social desse aluno. A escola é uma instituição que complementa a família, e ambos tanto a família quanto escola precisam ser um lugar agradável, afetivo e inseguro, para que proporcione a este aluno uma relação natural entre a sua família e a escola. A família exerce um papel importantíssimo durante o processo de aprendizagem, que deve estar presente no contexto escolar, valorizando o espaço escolar, participando das reuniões, conhecendo as metodologias da escola, sugerindo ideias, compartilhando dúvidas com os educadores, estabelecendo uma parceria com os mesmos, sempre visando o acompanhamento e o auxílio desse aluno na sua formação.

É necessário compreender que a família é o primeiro contato que o indivíduo tem com o mundo, é no âmbito familiar que a criança aprende seus primeiros passos, suas primeiras palavras, identidade e caráter, nesse sentido, os primeiros conhecimentos vem da família. Para a sociedade, a família promove a união e estabelece um momento de participação entre pais e filhos, além de ensinar, a conviver socialmente enquanto primeiro espaço de socialização. Pois, de acordo com Oliveira e Araújo (2010, p. 2), “a família é considerada a primeira agência educacional do ser humano e é responsável, principalmente, pela forma com que o sujeito se relaciona com o mundo”. A escola por sua vez tem o dever de buscar uma aproximação e a introdução dessa família no processo de ensino aprendizagem, com o objetivo de formar e desenvolver cada indivíduo em seus aspectos cultural, social e cognitivo.

A parceria entre família e escola é um dos principais elementos para o sucesso da educação. É comum acreditar que cada um deve cumprir seu papel separadamente. No entanto, os pais e a instituição de ensino devem estar em constante sintonia, tendo como objetivo final o pleno desenvolvimento infantil. Com frequência, algumas dificuldades de aprendizagem são geradas nas famílias e refletidas no âmbito escolar, por isso, existe a necessidade de uma interação entre as partes para maior compreensão da situação, e com atitudes assertivas para poder saná-las.

Por parte da família, algumas estratégias podem ser implementadas na garantia de um bom desenvolvimento cognitivo e emocional do aluno. Entre elas, destaca-se a relevância de se facilitar um ambiente acolhedor em casa no qual o aluno possa realizar seus estudos com tranquilidade. Além disso, reservar um tempo para os estudos, para leitura, diariamente ajuda a desenvolver o hábito, estabelecendo, assim, uma rotina. Sabemos que na maioria das famílias enfrentam dificuldades com a rotina do dia a dia. Trabalhos que muitas vezes exigem jornadas longas e corrida atrás de uma vida que atenda nossas necessidades, acaba nos tomando o tempo tão precioso, mas é fundamental a importância dos pais na vida escolar de seus filhos. Inserir os pais nesse mundo da leitura, escrita, é um objetivo importante da escola, convidar a família para participar de maneira ativa e constante, e que mesmo se não der, mas de qualquer forma tirar um tempinho, ou um dia na semana ou fim de semana para o momento da leitura. Em vista disso, Medel (2013, p. 49) cita:

A investigação constata o impacto das famílias sobre as aprendizagens das crianças. Sabe-se que aquelas crianças cujos pais leem contos e os

comentam tem melhores resultados escolares. Isso leva a pensar na necessidade de integração dessas atividades leitoras com a finalidade de fomentar o gosto pela leitura, de apoiá-las a melhorar suas competências leitoras, valorizar a importância da leitura e oferecer modelos de como ajudar os seus filhos nesse campo.

Acompanhar essa rotina de estudo e a realização das tarefas escolares significa ter um momento específico em que podem transmitir equilíbrio emocional aos seus filhos bem como construir uma cultura de valorização à educação, manter contato com os professores para acompanhar o processo educativo realizado na escola, prestar a colaboração que ele for exigida por parte dos professores para tornar mais coerente e eficaz a atuação escola, ou seja, construção de hábitos depende de constância, de suporte emocional, de rotina, de um ambiente propício e saudável, de incentivo, de atenção e de identificação de um problema e suas possíveis causas. Só assim para se promover um desenvolvimento escolar significativo.

É necessário que haja uma parceria forte entre escola e família para que a criança aprenda naturalmente, sem criar conflitos ou ansiedades desnecessárias. Os pais que deixam seus filhos sob a responsabilidade unicamente da escola, não podem se queixar posteriormente de seus filhos por estarem desestimulados ou com rendimento inferior ao dos colegas de classe, visto que não acompanharam seu processo de aprendizagem e rendimento escolar para poder auxiliá-los.

A família e a escola tem um papel essencial no desempenho do aluno, visto que um ambiente externo movido pela motivação e afeto proporciona a este um meio sadio para seu desenvolvimento intelectual. Essa colaboração envolve igualdade, a disposição de ouvir, respeitar e aprender uns com os outros e paridade, a combinação de conhecimentos, habilidades e ideias para aprimorar o relacionamento e, conseqüentemente, o desempenho das crianças. Assim, famílias e escolas compartilham responsabilidades e direitos, são vistas como iguais e podem contribuir de forma igualitária para o processo. Algumas ações são essenciais na garantia de um processo de aprendizagem saudável. Por parte da escola, abrir portas para a família é a chave para um contato colaborativo. Ninguém pode saber mais sobre o comportamento e o desenvolvimento do aluno na escola do que a própria instituição escolar, da mesma forma como a família é quem conhece melhor seu filho ou familiar no ambiente extraescolar.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O tema abordado neste trabalho remeteu-se a compreender as dificuldades da leitura e escrita no 1º ano do ensino fundamental e de como o professor pode intervir no processo de ensino aprendizagem. Onde, há de fato muitas dificuldades enfrentadas pelos professores e pelos alunos no processo de leitura e escrita, seja eles internos ou externos, como os problemas de rendimento escolar, dificuldade por fatores de intelecto, sensor, problemas familiares, os transtornos da aprendizagem, da língua escrita (dislexia) e da escrita (disortografia). Desde então, a escola juntamente com a equipe escolar, e com a colaboração dos pais, devem promover estratégias concretas e significativas no desenvolvimento gradativo e qualitativo da leitura e da escrita.

Frente aos atuais problemas escolares apresentados pelos alunos, nas

escolas, a dificuldade de aprendizagem na leitura e a escrita remete atualmente um dos temas que mais se refletem no anseio da sociedade, levando em consideração que a aquisição da leitura e da escrita tornam o sujeito mais capaz para o processo de conhecimento. As dificuldades de aprendizagem especialmente no âmbito escolar são inúmeras e por isso requer um olhar atento dos educadores, a fim de que se possa detectar eventuais problemas com seus alunos. Para assim, poder reverter a dificuldade com o método certo, ao lado da ajuda dos pais e incentivo ao desenvolvimento do estudante. E, claro, as atividades lúdicas ajudam nessa missão.

Sendo assim, se faz necessário investigar todos os aspectos que podem contribuir para o surgimento das dificuldades, se está ligado a fatores externos ou internos e com isso consiga-se intervir na melhor maneira possível, para que as dificuldades da escrita e leitura possam ser sanadas. É importante compreender o processo de ensino e aprendizagem, ao qual o mesmo não deve ser tratado de forma isolada e único na prática educativa, mais sim, em todos os âmbitos sociais do aluno, possibilitando o desenvolvimento das suas habilidades e potencialidades.

Portanto, a família deve caminhar junto com a escola, incentivando a criança no seu desenvolvimento, pois, se ela não tem o apoio familiar, tende a ter seu desenvolvimento afetado em relação as que possuem acompanhamento diário dos pais ou responsáveis, incentivo ou auxílio para a realização das atividades de casa. Essa aproximação familiar com a criança se faz necessária porque ela está em processo de desenvolvimento e, principalmente no 1º ano que é onde a rotina muda e a criança passa por uma transição ao iniciar a processo de alfabetização, algo novo e desafiador que necessita de atenção e cuidado.

Propõe-se, por meio deste estudo o acompanhamento de profissionais especializados para alunos com dislexia ou disortografia e o desafio que fica para os educadores, a necessidade de conhecer a história de vida dos alunos, identificar desde o início suas habilidades, suas dificuldades, para elaborar atividades relacionadas à psicomotricidade e a cognição, pois essas duas grandes áreas possibilitarão o desenvolvimento do educando.

Possibilitar o contato com os livros, mas não somente apresentar os livros, é preciso escolher bons livros literários, garantir a diversidade de gêneros e levar em conta as preferências das crianças, fazer com elas possam explorar esse mundo da leitura através de brincadeiras inspiradas na história desses livros, de teatros, desenhos acerca dessas histórias, trabalho de diversas formas e principalmente utilizando do lúdico. Dessa maneira, esses livros, a forma de envolver esses alunos nas histórias, os leva a aprender diversas manifestações da cultura oral, afim de proporcionar o desenvolvimento emocional e intelectual, enriquecer o vocabulário e permitir que as crianças desenvolvam senso crítico.

As práticas pedagógicas precisam atender a necessidade individual de cada um, fazendo com que todos sejam inseridos no processo de ensino-aprendizagem e as dificuldades possam ser sanadas desde no início para se evitar complicações futuras no desenvolvimento escolar da criança, destacando a importância da participação da família, que mesmo tendo objetivos em comum, cada uma deve fazer sua parte para que atinja o caminho do sucesso. Daí a importância da família no desenvolvimento educacional da criança.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, E.; DUARTE, P. M. **Consciência fonológica**. Rio de Janeiro: Revinter; 2003.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2018. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_sit\\_e.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_sit_e.pdf). Acesso em: 10 out. 2021.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Ensino Fundamental de nove anos**: orientações gerais. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Brasília: Ministério da Educação, 2004.

CASAL, C. J. F. **Disortografia**: a escrita criativa na reeducação da escrita. 2013. 198f. Dissertação (Mestrado), Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal, 2013.

ELBRO, C.; JENSEN, M. N. Qualidade das representações fonológicas, aprendizagem verbal e consciência de fonemas em leitores disléxicos e normais. **Scand J Psychol**, n. 46, v. 4, p. 375-84, 2005.

IANHEZ, M. E.; NICO, M. A. **Nem sempre é o que parece**: como enfrentar a dislexia e os fracassos escolares. 11. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2002.

KLEIMAN, A. B. **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social de escrita. 6. Reimp. Campinas: Mercado das Letras, 2003.

LOPES, P. **Dislexia**. Brasil Escola. São Paulo: s.d. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/saude/aspectos-dislexia.htm>. Acesso em: 27 mai. 2022.

MARSILI, M A. **Dislexia no contexto da aprendizagem**. (Monografia). Especialização em Controladoria e Finanças. Universidade Cândido Mendes. Rio de Janeiro: RJ. 2010. Disponível em: [http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias\\_publicadas/c205242.pdf](http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/c205242.pdf). Acesso em 1 set. 2022.

MEDEIROS, D. C. C. **Inter-Relação da Intervenção com DAE e a Formação de Professores** (Dissertação). Mestrado em Ciências da Educação. Especialização em Educação Especial. Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti. Portugal, 2012. Disponível em: <http://repositorio.esepf.pt/handle/20.500.11796/753>. Acesso em: 15 ago. 2022.

MEDEL, C. R. M. A. **Ensino fundamental 1**: práticas pedagógicas. Vozes, Rio de Janeiro, 2013.

OLIVEIRA, C. B. E.; ARAUJO, C. M. M. **Arelação família-escola**: intersecções e desafios. São Paulo: Campinas, 2010.

PRADO, E.; ALIOTO, O. E. Estratégias na alfabetização de crianças disléxicas. São

Paulo, 2011. Disponível em: <https://docplayer.com.br/6689637-Estrategias-na-alfabetizacao-de-criancas-dislexicas.html>. Acesso em: 17 ago. 2022.

RAPOPORT, A. *et.al.* **A criança de seis anos no ensino fundamental**. Porto Alegre: mediação 2009.

SILVA, E. T. **Leitura e realidade brasileira**. 4. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

SOARES, M. **Alfabetização**: a questão dos métodos. São Paulo: Contexto, 2017.